

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA DIAS MORELLO

**MEMORIAL: DA ALFABETIZAÇÃO AO CURSO  
SUPERIOR EM PEDAGOGIA – UM POUCO DA  
HISTÓRIA DAS CARTILHAS**

UBERLÂNDIA  
2021

AMANDA DIAS MORELLO

**MEMORIAL: DA ALFABETIZAÇÃO AO CURSO  
SUPERIOR EM PEDAGOGIA – UM POUCO DA  
HISTÓRIA DAS CARTILHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Faculdade de Educação –  
FACED da Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciatura em  
Pedagogia

Orientador: Prof. Sauloéber Társo de Souza

UBERLÂNDIA

2021

Amanda Dias Morello

MEMORIAL: DA ALFABETIZAÇÃO AO CURSO SUPERIOR EM PEDAGOGIA –  
UM POUCO DA HISTÓRIA DAS CARTILHAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Faculdade de Educação –  
FACED da Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciatura em  
Pedagogia

Uberlândia, 2 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Sauloéber Társio de Souza (orientador)

---

Profa. Dra. Carla Cristina J. Silva

---

Profa. Dra. Isaura Melo Franco

## RESUMO

Este Memorial aborda pontos relevantes da trajetória da vida pessoal, estudantil, profissional e acadêmica de Amanda Dias Morello, objetivando descrever recordações da infância, desde o primeiro contato com as experiências pessoais e profissionais adquiridas, passando pelo ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sendo esse acontecimento o ápice da realização do sonho de chegar à formação acadêmica. Reflete ainda o processo de alfabetização utilizado ao longo dos anos no Brasil, com ênfase nas cartilhas utilizadas nas escolas, bem como as transformações e redimensionamentos em minhas práticas pedagógicas, diante de uma nova compreensão das teorias e concepções educacionais do pedagogo. O objetivo principal é apresentar e analisar aspectos editoriais da cartilha Caminho Suave, publicada pela primeira vez em 1948 e editada até os dias atuais, a cartilha marcou a história da alfabetização brasileira, influenciando gerações de professores e alunos. Diante da ausência de pesquisa histórica sobre a alfabetização, é que nos propomos iniciar o debate em torno das cartilhas, campo tão pouco explorado historicamente.

**Palavras-chave:** Formação. Memória. História da Infância. Cartilhas. Alfabetização.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO: CAMINHOS TRILHADOS .....</b>	<b>6</b>
2.1 TRAJETÓRIA DE VIDA.....	7
2.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	12
2.3 O CURSO DE PEDAGOGIA EAD UFU. ....	14
<b>3. METODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CARTILHAS .....</b>	<b>15</b>
3.1. A CARTILHA CAMINHO SUA VE.....	20
3.2 BRANCA ALVES DE LIMA .....	23
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Souza e Dourado (2014, p. 40) o memorial de formação é uma narrativa descritiva de rica possibilidade de produção acadêmica onde as experiências vivenciadas em “[...] interação com outros textos, discursos e interlocutores” possibilitam aprendizagens significativas.

Este Memorial de formação, sob o título “Memorial: da alfabetização ao curso superior em pedagogia – um pouco da história das cartilhas”, requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia – habilitação para educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental tem como objetivo apresentar acontecimentos marcantes ocorridos em minha trajetória pessoal, estudantil, profissional e acadêmica. Escrevê-lo é trazer para o presente, momentos jamais esquecidos e vivenciados em diferentes situações e nas diversas etapas da vida. No decorrer dessa narrativa, pretendo contextualizá-la com as teorias estudadas durante o curso de Pedagogia.

Esta breve introdução caracteriza-se como primeiro capítulo e tem por objetivo apresentar sua estrutura composicional. O segundo está dividido em subcapítulos onde está exposto sobre minha trajetória de vida, minha família, escola e vida profissional. Também no segundo capítulo encontra-se a pesquisa sobre os métodos de alfabetização no Brasil, enfatizando as cartilhas. No terceiro, encontram-se a pesquisa realizada sobre os métodos de alfabetização no Brasil, mais especificamente as cartilhas e com aprofundamento na cartilha Caminho Suave e também uma introdução sobre Branca Alves de Lima. As cartilhas foram usadas a partir do século XVI com o material todo vindo de Portugal, apenas no século XX que elas passam a ser produzidas no Brasil.

Este memorial, portanto, resulta de uma análise de minha trajetória educativa e de uma revisão das obras estudadas ao longo do curso. Os autores aqui citados foram selecionados para fundamentar os conhecimentos pessoais, bem como uma preocupação em refletir sobre as contribuições da narrativa no contexto da pesquisa e da formação de professores. A narrativa de formação tem se constituído no cenário educacional como

uma das opções metodológicas dentre os diversos métodos que já apresentam campo estabelecido.

Consubstancialmente, os acontecimentos narrados de uma história tomam da totalidade os seus significados. Esse todo narrado vai sendo tecido a partir das partes selecionadas, “[...], portanto, a narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra” (DELORY, 2012, p. 82).

## 2. DESENVOLVIMENTO: CAMINHOS TRILHADOS

### 2.1 TRAJETÓRIA DE VIDA.

Escrever este memorial é um desafio, pois buscar nossa história e transcrevê-la nem sempre é fácil. Nasci em 1995, na cidade de Votuporanga, interior de São Paulo.

A história de Votuporanga começa no final do século XIX, o café chegou ao oeste de São Paulo. No início a área do município, pertencia à Fazenda Marinheiro de Cima, de propriedade de Francisco Schmidt. Após sua morte, os herdeiros, para sanar suas dívidas, doaram as terras à empresa Theodor Wille & Cia Ltda. As terras foram, então, divididas em glebas e os terrenos vendidos a preços baixos. Aos poucos, formou-se o povoado, pertencente ao distrito de Vila Monteiro, atual Álvares Florence, e à comarca e município de Monte Aprazível.

O nome Votuporanga, foi escolhido por Sebastião Almeida de Oliveira. No dia 8 de agosto de 1937, a cidade foi fundada, e o padre Isidoro Cordeiro Paranhos celebrou uma missa nessa mesma data. Em 1945, tornou-se distrito, município e sede da comarca, em decreto único.



Figura 01. Imagem aérea de Votuporanga-SP (Década de 1960)

Fonte: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.124/3665> Acesso em 24 ago. 21.



Figura 02. Votuporanga 2021

Fonte: <http://www.votuporanga.sp.gov.br/novo/noticia.php?noticia=377>

Eu, Amanda, sou fruto do casamento de Armando Sérgio Morello, filho dos italianos Armando Morello e Aparecida Cecarelli Morello, e de Sandra Aparecida Dias Morello, filha dos portugueses, Olavo José Dias e Maria de Lourdes Pontes Dias. Duas coisas sempre estiveram presentes em minha vida: o ambiente rural, pois meus avós paternos, meu pai e meus tios sempre moraram em propriedade rural e o ambiente escolar, que para fim deste trabalho é sobre ele que vou falar. Não posso deixar de mencionar minha irmã, Júlia Dias Morello.





Figura 03. Na foto, da esquerda para direita: Armando (meu pai), Aparecida (minha avó), Júlia (minha irmã), eu e Sandra (minha mãe). Fonte: Acervo Particular.

O ambiente escolar entra na minha família lá em Portugal, já que minha tataravó materna era professora em Funchal, uma cidade da Ilha da Madeira.

Meu pai tem cinco irmãos, dois deles não cursaram o Ensino Médio, ele é um deles. Os outros três são formados no Ensino Superior, um é engenheiro e as outras duas são professoras. E foi graças a elas que começo a ter contato com escola mesmo fora da sala de aula.

Dentre as minhas tias, uma fez magistério e começou a lecionar aos 21 anos em Votuporanga, depois de alguns anos mudou-se para Piracicaba. Nesta época eu já estava com cinco anos, e já gostava da ideia de ser professora, nem que fosse apenas nas brincadeiras com as minhas primas. Hoje acredito que minha tia foi a minha grande inspiração.

Voltando a falar sobre mim, como já dito anteriormente, nasci em 1995 e os quatro primeiros anos da minha vida morei no sítio. Lembro que nesse sítio tinha uma mangueira enorme onde meu tio fez uma casa na árvore, que algumas vezes era um restaurante e muitas vezes era uma escola. Aos cinco mudei para a cidade, uma casa muito espaçosa onde eu conseguia andar de bicicleta, brincar com barro e muitas outras brincadeiras que eu fazia quando estava no sítio, acho que por isso essa mudança não foi tão traumática para mim, pois eu amava morar na zona rural. Foi então que comecei a frequentar a escola, estudei toda a minha vida em apenas uma escola, a Coopevo

Dinâmica. Devido a tantos anos em uma mesma escola, até hoje tenho memórias afetivas daquele lugar.



Figura 04. Escola Coopevo Dinâmica  
Fonte: Jornal A Cidade

Quando comecei a estudar, em 2000, minha tia que era professora mandava para mim e para uma outra prima minha os exemplares do professor dos livros didáticos que ela não usava mais na sala de aula, e foi assim que o interesse em ser professora surgiu. Aos finais de semana, quando minha prima ia em casa, pegávamos estes livros, a lousa que pedi para o meu pai comprar e brincávamos de escolinha. Brincamos com estes livros por anos e eles também serviram para fazer recortes quando eu tinha trabalhos da escola para fazer.

Tenho muitas lembranças da escola, comecei minha vida acadêmica no Pré I e minha professora se chamava Silvia Leticia, a tia Silvia, hoje ela é Assessora Pedagógica do Departamento de Educação Infantil da Secretaria da Educação do município, e conseqüentemente, minha chefe, mas isso vou falar mais para a frente.

Lembro que cada família silábica que íamos aprender a professora fazia um desenho na lousa, tenho na memória a imagem de uma boneca que ela fez quando começamos a família do “b”. Terminei o ano lendo e escrevendo, lembro também que além dos desenhos na lousa e das folhas tiradas do mimeógrafo usávamos uma apostila para fazer e exercícios e treinar as letrinhas. Quando fui para a primeira série, hoje é o segundo ano, fiquei muito próxima da professora e ela até me incentivou a largar da chupeta. Nessa época a mesma tia que me mandava os livros didáticos me mandava também os gibis da Turma da Mônica todos os meses, assim cresci lendo as histórias da

Mônica e sua turminha, confesso que me identifico com a Magali, porque assim como ela sempre gostei de comer bastante.

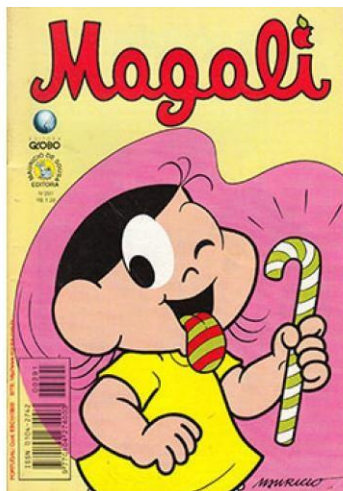


Figura 05. Capa do Gibi da Magali. Fonte: <https://portaldocolecionador.com.br/oferta-Gibi-da-Magali-N-291-Editora-Globo-1334926>

Os anos foram passando e quando cheguei no Ensino Médio eu tinha uma relação muito boa com todos na escola, sempre tomava frente em alguns projetos, as formaturas da oitava série (nono ano) e terceiro colegial fui eu quem organizou. Fui representante de sala alguns anos e sempre gostei da visão que eu tinha quando passava os recados para a turma, eu diante dos alunos passando informações e eles sentados prestando atenção em mim.

Infelizmente, ou felizmente, as escolas particulares enaltecem muito as universidades públicas – penso que por elas serem melhores avaliadas e assim fazer com que a escola se destaque entre as outras – e, por isso, me afastei um pouco da minha vontade de ser professora. Minha família sempre quis que eu estudasse na ESALQ, o campus da USP em Piracicaba, que foi onde a minha prima mais velha se formou, como lá não tem licenciatura prestei vestibular para Ciências dos Alimentos, passei, porém não me identifiquei com o curso, não era aquilo que eu queria, foi uma mudança muito radical para mim, mudei para uma cidade maior que a minha, fui morar com meus tios e também não consegui acompanhar o curso. Na verdade, penso que não estava preparada para uma universidade do porte da USP. Depois de um ano e meio tranquei minha matrícula e voltei para Votuporanga.

Nessa época da minha vida, minha mãe já era inspetora de alunos da prefeitura há dez anos e sempre trabalhou na mesma escola, ou seja, cresci dentro de uma escola

da prefeitura. Quando voltei para Votuporanga a prefeitura havia acabado de publicar um edital para concurso para o cargo de inspetor de aluno, prestei e passei, foi aí que começou minha vida profissional.

## 2.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Minha vida profissional começa quando foi convocada para assumir o cargo de Técnica em Educação I – Inspeção de alunos, da prefeitura de Votuporanga. O ano era 2015 e eu tinha apenas 20 anos, não sabia nem cuidar de mim mesma e entrei numa escola de periferia com aproximadamente 400 alunos. O nome da escola é CEM Prof.<sup>a</sup> Neyde Tonanni Marão e atende alunos do primeiro ao quinto ano (de 6 a 10 anos).



Figura 06. CEM Prof.<sup>a</sup> Neyde Tonanni Marão Fonte: Jornal A Cidade

O começo foi muito difícil para mim, por mais que eu conhecesse a realidade da escola devido a minha mãe já trabalhar há anos em escola, ser a autoridade, fazer com que os alunos te respeitassem, conhecer a comunidade e conhecer realidade das famílias foi um desafio muito grande.

Lembro muito bem do meu primeiro dia de trabalho, comecei no dia 13 de outubro em plena semana da criança, a escola estava toda alvoroçada, cada dia da semana era uma atração diferente para as crianças inclusive no dia 13 era o dia do cinema. Cheguei na escola às 8 horas da manhã e fui direto ajudar a professora do 3º ano B a distribuir pipoca para as crianças, foi bem complicado porque as crianças não sabiam quem eu era, eu não sabia os nomes das crianças, a professora precisou sair para

buscar mais pipoca e eu falava com as crianças e elas não me ouviam, resumindo, achei que não chegaria viva na sexta-feira. Mas a semana acabou, eu superei aqueles dias e permaneci na escola por três anos.

Trabalhar em escolas da periferia é muito desafiador e ao mesmo tempo gratificante, você convive com crianças extremamente carentes e quem muitas vezes não tem pai e mãe para cuidar delas, muitas estão com os pais presos eu nem conheci os pais porque perderam eles para o crime. Mas devido a essa carência, são crianças que se apegam fácil aos funcionários da escola e ver o amor que eles têm por nós é muito gratificante. Acho que por conta das dificuldades e desafios dessa escola, a equipe sempre foi muito unida, o maior desafio é conseguir manter uma aproximação entre escola e família – devido a falta de estrutura dessas famílias – então os professores e a gestão têm que trabalhar dobrado para manter esse contato com os pais ou responsáveis das crianças. Lembro de um episódio em que um menino estava com febre e eu precisava avisar os pais para que eles viessem buscar e medica-lo, tentei ligar várias vezes e ninguém atendeu, fui até o menino e perguntei por que os pais não estavam atendendo e ele respondeu que a polícia tinha encontrado os dois com entorpecentes e os prenderam.

Ao longo dos meus três anos neste CEM, me desenvolvi profissionalmente, aprendi a conversar com as crianças, aprendi a conversar com as famílias e fui cada vez mais me apaixonando pela educação. Em 2017 surgiu a oportunidade de prestar vestibular e entrar para o curso de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, prestei, passei e em 2018 comecei a cursar a Pedagogia EaD. Infelizmente no final de 2017 e começo de 2018 tive alguns desentendimentos com a gestão da escola, por conta de informação que sempre eram passadas erradas, falta de comprometimento da diretora em assuntos que precisava dela e acusações falsas contra mim e as demais inspetoras para os professores, preferindo assim pedir remoção para outra unidade escolar mais perto de casa. Foi então que em setembro de 2018 fui trabalhar no CEMEI Prof. Valter Peresi, onde estou atualmente.



Figura 06. CEM Prof. Valter Peresi Fonte: Estadão

Nessa mudança de unidade escolar me vi em outro desafio, eu estava saindo de uma escola de Ensino Fundamental I e indo para uma de Educação Infantil, que atende crianças de 6 meses a 3 anos. Estava saindo de uma escola de periferia e indo para uma escola de centro, eu não sabia se eu ia conseguir me adaptar a uma realidade tão diferente. É claro que tinha seus pontos positivos, o número de alunos da creche era de aproximadamente 200 alunos, metade do da outra, e era bem mais perto de casa. Mas como tudo na vida é uma questão de costume, rapidamente me adaptei.

### 2.3 O CURSO DE PEDAGOGIA EAD UFU

Começar o curso de pedagogia era um sonho desde que comecei a trabalhar na escola, entender a teoria, saber como ensinar os alunos, poder um dia estar a frente de uma sala de aula era um sonho distante que eu tinha. Hoje estou me na reta final do curso, onde aprendi muito, enfrentei desafios e cresci muito profissionalmente graças a ele. A modalidade a distância é uma novidade. Então foi uma experiência participar porque eu não sabia o que poderia acontecer. O curso me surpreendeu bastante pois pude aprender coisas como autonomia, que é uma coisa que temos que ter muito no ensino a distância. Dedicção também é muito importante. Você tem que se dedicar, tem que fazer as coisas no seu tempo para não se perder durante o curso. Acredito que esse tipo de aprendizado vai valer muito pessoal e profissionalmente. Eu entrei uma pessoa e estou saindo outra. Hoje me considero mais madura. Quem tiver medo de entrar num curso a distância pode ficar tranquilo. Não é tão fácil como parece, porém, com dedicação, todo mundo pode conseguir.

### 3. METODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CARTILHAS<sup>1</sup>

Antes de nos aprofundarmos na história da cartilha Caminho Suave, daremos uma introdução sobre cartilhas e como foi o processo histórico da alfabetização no Brasil. É importante mencionar que não há muitas pesquisas sobre as cartilhas em geral e sobre o ponto de vista histórico da alfabetização no Brasil.

“No Brasil, são recentes as pesquisas sobre a alfabetização, cujo enfoque seja o do tipo de abordagem histórica. A pesquisa de Soares (1991), *Alfabetização no Brasil, o Estado do Conhecimento*, em que a autora analisa as teses e dissertações produzidas no país, cujo tema seja a alfabetização de crianças aponta-nos essa lacuna. De um total de 208 teses e dissertações analisadas, até o ano de 1990, apenas uma pesquisa usou como metodologia a abordagem histórica<sup>1</sup>. A ausência de pesquisas históricas na alfabetização nos leva a considerar que a produção acadêmica esteja mais voltada para a aplicação imediata, visando à denúncia e/ou intervenção da realidade, o que não deixa de ser uma postura plausível diante dos baixos níveis de alfabetização no Brasil”. (MACIEL, 2002, p.148)

De início não podemos deixar de mencionar o significado da palavra cartilha:

“Inicialmente é importante fazer uma abordagem etimológica da palavra Cartilha. Para Houaiss (2001) etimologicamente *carta + ilha* designa um *pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os primeiros rudimentos para aprender a ler, carta do abc*. De acordo com o dicionarista Caldas Aulete *Cartilha: s.f. diminutivo de carta, livro ou carta para ensinar a ler, compendiozinho de doutrina cristã*. O verbete sugere-me a procura do significado de *Carta: s.j. carta de nomes ou simplesmente carta, livro ou coleção de abecedários em diferentes caracteres e de palavras soltas para o ensino da leitura, cartilha*. No dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda a definição de Cartilha é restrita: *livro para aprender a ler*, tal como ocorre no dicionário ilustrado de KooganIHouais (1998:3ª ed) *livro para ensinar a ler*” (MACIEL, 2002, p.149).

A história das cartilhas no Brasil começa no final do século XVI, entretanto, são esparsas as informações sobre o material didático destinado a alfabetização da população brasileira entre os séculos XVI e século XVIII. Essa lacuna pode, em parte, ser explicada pelo alto índice de analfabetismo no país. Podemos considerar também que:

---

<sup>1</sup> Esta seção do memorial foi construída em parceria com a colega de curso Dulcelene.

“No início do século XIX, no Brasil, os manuais usados para ensinar a ler e escrever eram importados de Portugal, pois até o ano de 1808, não era permitida a publicação de livros nacionais. Os professores confeccionavam o seu próprio material para alfabetizar e usavam também cartilhas portuguesas como: *O expositor português* e a *Cartilha Maternal*, tendo sido esta última produzida pelo poeta português João de Deus” (SCHEFFER, FREITAS E ARAÚJO, 2007)

Em 1877, foi criado o Método Bacadafá, método pedagógico para o ensino de leitura e escrita, proposto e utilizado por alguns professores das escolas públicas primárias na Corte imperial. Na década de 1880, foi produzida a Cartilha Nacional de Hilário Ribeiro que propunha um trabalho simultâneo da leitura e da escrita e o ensino do valor fônico das letras para o aprendizado da leitura.

Como aponta Mortatti (2000), a fonética, desde o meio do século XIX, passou a ajudar no estudo biológico da linguagem, enfatizando os aspectos físicos e fisiológicos da produção humana da fala, para além dos processos de estrutura e de gramática da língua falada e escrita, e, também dessa forma aplicou-se métodos pedagógicos de ensinamento da leitura e da escrita. Não deixa dúvidas de que o Bacadafá era um método de leitura que envolvia o processo de apreensão das ideias representadas pelas letras e pelas palavras, a partir da síntese, e que demandava ênfase na educação simultânea de ver e de ouvir. Neste aspecto, o método de Aguiar não era muito diferente dos outros métodos de soletração/silabação usados nas escolas primárias, mais conhecidos como sintéticos (MACIEL, 2002).





Figura 07: Método Bacadafá Fonte: revistas.ufpr.br

Uma nova concepção de criança – de caráter psicológico – passa a embasar a discussão sobre o método de ensino da leitura (e da escrita). A partir de então, observa-se um movimento de institucionalização do método analítico, que se consolida com a publicação das Instruções práticas para o ensino da leitura pelo método analítico – modelos de lições, expedidas pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, em 1915. Nesse documento passa-se a priorizar a historieta (conjunto de frases relacionadas entre si por meio de nexos lógicos), como núcleo de sentido e ponto de partida para o ensino da leitura, enfatizando-se as funções instrumentais desse ensino, surgindo assim o *Meu primeiro livro de leitura* de Felisberto de Carvalho que foi utilizado até 1934.

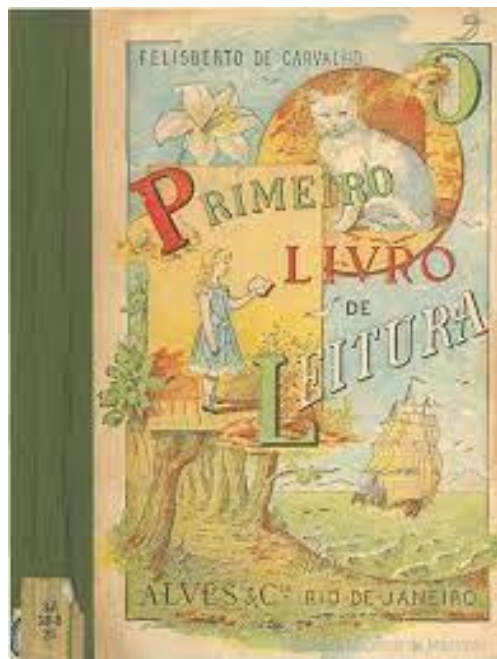


Figura 08: Meu Primeiro Livro de Leitura. Fonte: LEMAD-USP

A partir de 1940, pela Livraria Francisco Alves, e a partir dos anos 50 passa a ser editado pela Editora do Brasil S.A. *O Livro de Lili* foi produzido pela autora como uma atividade da cadeira de Metodologia de Língua Pátria, sob a orientação da professora Lucia Casasanta. *O Livro de Lili* apresenta algumas especificidades em relação a maioria dos materiais produzidos na época, é um dos primeiros materiais didáticos que apresenta o manual do professor, em um volume, separado do livro do aluno, sobre esse aspecto iremos detalhar em nossa análise, além disso o material didático é acompanhado de materiais suplementares como cartazes para uso do professor em sala de aula.



Figura 09: O Livro de Lili. Fonte: traca.com.br

A cartilha *Upa, Cavalinho!* é de 1957, e foi o último volume da série da coleção Pedrinho a ser editada. No ano de 1970, a cartilha deixa de ser publicada, entretanto, nesses treze anos em que a cartilha foi publicada sempre pela Editora Melhoramentos, foi um sucesso editorial, faz parte de uma série de livros de leitura graduada, cujo nome da coleção é Pedrinho. Tinha o intuito de nortear os passos iniciais do processo de alfabetização da criança. A tiragem total da cartilha foi de mais de dois milhões de exemplares, até a 12ª edição, que foi publicada em 1970, seu sucesso editorial permite considerá-la uma peça importante e necessária ao conjunto da obra do autor.



Figura 10: Upa, Cavalinho! Fonte: pedagogiaaopedaletra.com

E assim chegamos à cartilha Caminho Suave, de Branca Alves de Lima, que foi publicada inicialmente em 1950, portanto anterior a publicação Upa, Cavalinho!

### 3.1 A CARTILHA CAMINHO SUAVE

A primeira edição da cartilha Caminho Suave aconteceu em 1948, e foi editada até meados dos anos 90. Considerada um símbolo da alfabetização tradicional no país, priorizava o método de ensino através da imagem. Estudos revelam que entre primeira edição em 1948 até a edição de 1971 não sofreu alterações.

Segundo Maria do Rosario Magnani já em 1948, portanto a partir da primeira edição foi aprovada pela Comissão Nacional do Livro Didático e isso fez com que o custo com a editoração diminuísse o que pode ter ocasionado o grande sucesso e aceitação em todo território brasileiro. Com convenio firmado com o Instituto Nacional do Livro, garantiu a distribuição gratuita nas escolas brasileiras.

Sua autora Branca Alves de Lima formou-se no curso Normal em 1929, e lecionou a princípio em escolas rurais do interior do estado de São Paulo, por fim atuou como professora no grupo Escolar Romão Puiggari no bairro do Braz cidade de São Paulo.

A partir de sua experiência profissional Branca viu a necessidade de criar um método de ensino na qual envolvesse o aluno de forma construtivista, com isso desenvolveu o método de ensino através da imagem preconizado na cartilha Caminho Suave.

Em pouco tempo a cartilha tornou-se um sucesso editorial. E isso fez com que a escritora juntamente com sua família criasse uma editora a fim de publicar e divulgar exclusivamente o método desenvolvido por ela.

*Através do artigo “Caminho Suave, um estudo sobre as orientações para aplicação do método de alfabetização pela imagem” escrito por Silvia Aparecida de Carvalho e outros, temos conhecimento de que a arte na cartilha teve a colaboração da irmã de Branca, d. Henriqueta que era quem desenhava os esboços de modo detalhista, com isso quando chegavam ao desenhista era necessário apenas alguns ajustes. Todos os desenhos eram organizados de forma a associar as letras as*

imagens, por isso havia uma preocupação excessiva da autora com relação aos desenhos (LIMA,1965 p3).

Este método de alfabetização fazia com que o professor passasse a considerar o aprendizado da leitura numa sequência gradativa e sistemática de conhecimentos e para que o professor obtivesse sucesso no ensinar a ler e escrever existia um caminho a ser percorrido e este caminho deveria se suave.

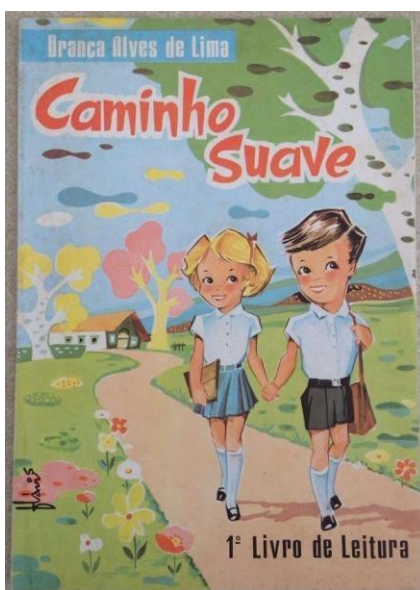


Figura 11: Cartilha Caminha Suave. Fonte: Pinterest

A Cartilha Caminho Suave se contrapunha aos métodos de alfabetização até então conhecidos, trazendo lições sistematizadas e propondo um novo método de ensinar a ler e escrever, estabelecendo uma relação entre a sílaba inicial de cada palavra a um desenho chave que possibilitava a criança uma livre associação entre imagem, grafia e som da sílaba, podemos ver na cartilha a letra “A” no corpo de uma abelha o “E” na tromba do elefante, assim neste método o “desenho chave” e a letra a ser aprendida se misturavam na imagem e isso provoca a associação entre o sinal gráfico e o desenho. As palavras-chave eram escolhidas de maneira minuciosa terminando sempre com a letra A, pois, segundo a autora isso facilitava o aprendizado tornando-o mais agradável e rápido.

Consiste esse processo em relacionar a sílaba inicial de cada vocábulo com um “desenho chave”. Quando a criança vê escrita determinada sílaba ou letra, imediatamente associa os sinais gráficos que a representam à imagem do desenho a que está ligada, acordando na ideia o som correspondente. Cada desenho excita energicamente o interesse, é poderoso apoio à memória. (LIMA, 1954 apud MORTATTI, 2000a, p 208).

Ainda segundo a autora as palavras tema escolhidas eram palavras comuns e que faziam parte do vocábulo das crianças desta maneira facilitaria a elaboração de deduções, e tudo isso é justificado pelo fato de que o vocabulário básico diminui a dificuldade de exprimir o pensamento e auxilia no atendimento a alunos com dificuldades de aprendizagem, favorecendo o aspecto imperativo do ato da leitura, devido a maior facilidade na discriminação de uma palavra do que uma oração.

Ao destacar uma sílaba sobrepondo-a a uma imagem além de completar a alfabetização pela imagem aplicava-se também o método analítico sintético (misto) partindo da palavra. O método sintético partia “das partes para o todo” tomando como objetivo a leitura. Assim a cartilha Caminho Suave baseava-se na associação de letras ao seu nome somando a isso uma imagem que representasse a letra a ser estudada.

Seguindo a ordem alfabética as lições têm início com as vogais onde são combinadas em encontros vocálicos, daí para a frente são feitas combinações simples entre consoante e vogal, continuando a inserir encontros consonantais e dígrafos. Após reunir letras em sílabas e conhecer as famílias silábicas ensinava a ler palavras formadas com as mesmas sílabas e letras e logo após frases isoladas ou agrupadas sem sentido.

A cartilha Caminho Suave possui temas e personagens que se relacionam sendo que o tema é a palavra-chave de cada lição, porém não há preocupação de que seja uma história geradora e sequencial.

Com uma sequência simples trazia exercícios que se restringiam a cópias, feitas sempre em letras cursivas. Críticos dizem que a cartilha Caminho Suave traz implícito que a alfabetização envolve um processo mecânico que é o reconhecimento de símbolos gráficos e o psicológico que é o desenvolvimento de habilidades e compreensão da leitura. As críticas relacionadas a este método de alfabetização nos remetem ao fato de que para a autora, no processo de alfabetização a escrita não é vista como agregada a aprendizagem da leitura isso se evidencia nos exercícios propostos, pois, tratam-se de mera cópia das palavras estudadas, e que, pelos pressupostos teóricos metodológicos na efetivação da prática pedagógica, o material apresenta incoerências, e apesar da autora denominar o método de Alfabetização pela imagem em uma análise mais acurada pode-se concluir que pela organização estrutural ele está mais coerente com os princípios do método silábico.

Como dito anteriormente a partir de 1971 foram feitas algumas atualizações editoriais na cartilha, o motivo dessas atualizações foi o fato de haver uma ascendência didática fundamentada no método global de alfabetização com isso as vendas da cartilha tiveram uma grande queda, e em 1996 a cartilha foi excluída do Programa Nacional do Livro Didático, terminando assim um ciclo.

A cartilha Caminho suave foi uma marca na alfabetização em nosso país, ela é amada por alguns e criticada por outros, porém não podemos negar o protagonismo dela nas salas de aula durante décadas, muitos professores alfabetizadores fizeram uso sequencial, não só da cartilha como também do material de apoio disponibilizado pela editora. A grande questão que fica em aberto é o motivo pela aceitação maciça pois, existem muitos questionamentos a respeito do método empregado nela, e dizer que é um material na qual entregava ao professor o conteúdo já mastigado é desvalorizar a atuação do professor.

### 3.2. BRANCA ALVES DE LIMA

Nascida em 1911, faleceu aos noventa anos de idade e se fez eterna na mente de todos àqueles que são do meio e que se interessam por educação. Mulher de origem humilde deu início em sua carreira de professora e educadora na década de 30, no interior de São Paulo. Na época, tempos difíceis, ela ensinava por meio da alfabetização analítica, ao qual seguia o modelo proposto pela ‘moda’ do momento.

De origem portuguesa, a mãe, Maria Isaura, nasceu na pequena freguesia portuguesa de Santo António da Serra na Ilha da Madeira, no final do século XIX. Filha de agricultores lusitanos, casou-se aos vinte e um anos, com Manoel, nascido na cidade paulista oitocentista de Tietê, no ano de 1883. Sobre a origem dos pais de Manoel, a obra de Moraes registrou dados da família Silveira e Alves de Lima em São Paulo a partir do final do século XVIII e século XIX. Maria Isaura parece ter vindo de Portugal para contrair matrimônio com Manoel, em seguida, mudaram para São Paulo, na região do Brás, onde nasceu Branca, mais tarde foram viver na região de Ipiranga e depois Fagundes, lugares procurados pela elite paulista na primeira metade do século XX. (VALDEZ, 2018, p.65)



Figura 11: Branca Alves de Lima. Fonte: Revista Brasileira de Educação

A educadora formou-se na Escola Normal do Braz (atual Escola Estadual Padre Anchieta), em 1929, e lecionou por quinze anos no ensino fundamental I, com extraordinários resultados. Publicou, em 1948, a Cartilha Caminho Suave, com a intenção de contribuir “para a extinção do analfabetismo em nossa Pátria”. A cartilha foi um fenômeno editorial. Mais de 48 milhões dos brasileiros adultos foram alfabetizados com ela.

Sobre os pais e a família da autora, há dados na obra *Biblioteca de Genealogia Brasileira*, organizada por Moraes, em 1969, na qual registra a linhagem das famílias Paulista. Assim os pais são apresentados:

Manoel Silveira Alves de Lima, n. em Tietê a 15-9-1883, contabilista, diplomado pelo Instituto Brasileiro de Ensino, casou-se em 16-10-1909, com Maria Isaura de Freitas Lima, n. a 21-1-1888, em Santo Antônio da Serra, cidade de Funchal, na Ilha da Madeira, filha de Joaquim Vieira, agricultor, e de Joanna de Freitas Vieira, naturais da Ilha da Madeira (...): (MORAES, 1969, p. 315-316)

Com o diploma de normalista em mãos, aos dezenove anos, Branca iniciou sua jornada em escolas no interior de São Paulo. Em entrevista, no ano de 1991, registrou que iniciou sua carreira como professora em uma escola rural de Jaboticabal, pois naquela época, segundo ela, no início da carreira era preciso lecionar, no mínimo, um ano na zona rural e aprovar, alfabetizando, no mínimo quinze alunos, para depois poder dar aulas em uma classe de uma boa escola urbana. Aparentemente, Branca passou bem mais que o tempo mínimo exigido. A mesma matéria registrou que deu aulas em vários grupos escolares no interior do estado e que se preocupava com a dificuldade dos alunos



em aprender a ler, o que ocasionava um índice elevado de reprovação. No ano de 1936, com vinte e cinco anos, a jovem professora lecionava em um grupo escolar de São José do Rio Preto, onde iniciou experiências de alfabetização com imagens associadas às sílabas, obtendo bons resultados. No entanto, registrou:

Mas a alegria nunca está só. Quando lecionava num grupo rural de São João da Boa Vista, também com ótimos resultados, fui censurada, um dia, pelo inspetor. Entrou na minha sala de aula, viu umas gravuras no quadro-negro e me chamou a atenção: “Você está ensinando pelo método de silabação”. Fiquei triste. Foi um dia de choradeira. Mas no fim do ano – acrescenta – o inspetor do grupo viu os resultados dos exames e me chamou de novo, para dar a mão à palmatória. (*O Estado de São Paulo*, 20 de agosto de 1967, p. 19).

Branca afirmou que começou a desenvolver sua Cartilha a partir das experiências no interior. Em suas entrevistas, investiu na defesa de seu método, justificando-o com sua experiência de alfabetizadora e seu desejo de contribuir com o ensino da escrita e da leitura. Após vinte e oito anos de trabalho no magistério, em sala de aula, pois não há indícios que tenha ocupado outros cargos na educação, Branca se aposentou. Branca iniciou sua carreira de professora de escola pública no início dos anos 1930, finalizou em fins dos anos 1950, quando assumiu o lugar de autora e proprietária de uma editora.

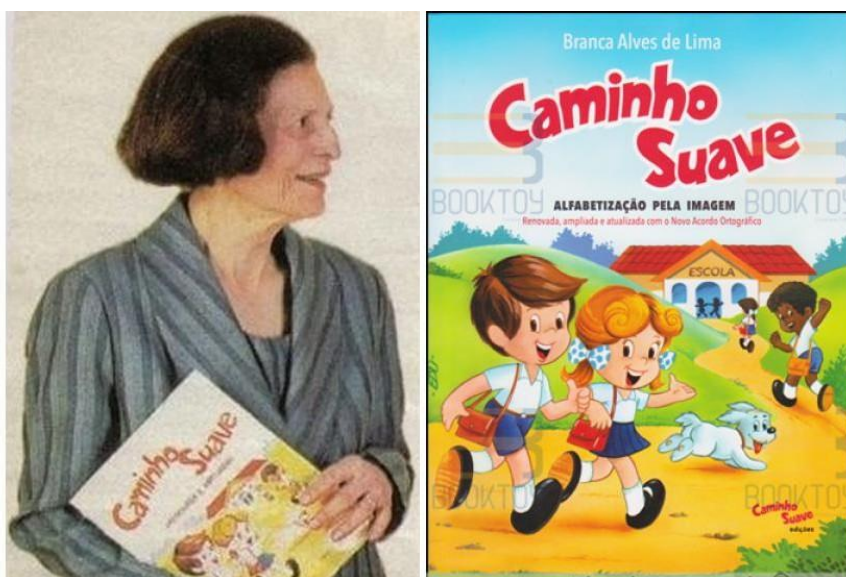


Figura 12: Branca Alves de Lima e a Cartilha Caminho Suave. Fonte: Jornal Folha do Povo

Segundo a própria Branca, o incentivo de abrir uma própria editora veio da família, do pai, de irmãs e irmãos. Cruzando as datas citadas, acredita-se que a editora iniciou no ano de 1950, quando a autora garantiu que começou a ganhar dinheiro após

dois anos de prejuízo comercializando e divulgando a Cartilha por meios próprios. Sobre a distribuição gratuita das cartilhas, Branca seguiu a mesma deliberação de autores de livros escolares desde o século XIX: a maior propaganda era a distribuição gratuita das obras, que, em geral, garantia a aquisição posterior. (VALDEZ, 2018, p.75).

Branca morreu no dia 25 de janeiro de 2001, no Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo, aos 91 anos. Segundo Neto (2017), Branca tinha câncer no pulmão e, depois que sua irmã Henriqueta faleceu, em meados de 2000, com quem tinha uma relação muito próxima, a mesma sentiu solidão, pois apesar de não morarem juntas eram vizinhas no mesmo condomínio e podiam se ver pela janela das casas. O falecimento de Dona Branca não mobilizou o mundo educativo e nem a imprensa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim deste memorial, fico na expectativa de ter conseguido trabalhar com a questão da memória, pois achei bem difícil falar de mim mesma. Mas busquei falar um pouco sobre a minha trajetória e como sempre estive ligada com a educação e pretendo sempre ter essa ligação.

Hoje, chegando ao fim do curso de Pedagogia, reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

A segunda parte desse memorial tem como objetivo refletir sobre aspectos da constituição, trajetória das cartilhas, e principalmente, da *Caminho Suave* na alfabetização brasileira, de autoria da professora Branca Alves de Lima, publicada pela primeira vez em 1948.

Posso dizer que pesquisar sobre as cartilhas foi muito esclarecedor e interessante, pois não tive contato com elas durante a minha alfabetização. Nos anos 2000 já se usava apostilas e foi com elas que eu fui alfabetizada. Sempre ouvi falar muito da *Caminho Suave*, minha mãe aprendeu a ler e a escreve com esta cartilha, então pesquisar sobre a *Caminho Suave* foi esclarecedor

## REFERÊNCIAS

MACIEL, Francisca. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. **Revista História da Educação**, Pelotas, p. 147-168, 2002.

MORTATTI, Maria. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. **Cadernos Cedes**, [s. l.], 2000.

SCHEFFER, Ana; FREITAS, Rita; ARAÚJO, Viviam. **Cartilhas: das cartas aos livros de alfabetização**. 2007. Tese (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora., [S. l.], 2007.

MORTATTI, Maria. HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL. **Seminário "Alfabetização e letramento em debate"**, [s. l.], 2006.

Valdez, D. (2018). DONA BRANCA ALVES DE LIMA: PROFESSORA, AUTORA E EMPRESÁRIA. **Revista Brasileira De Alfabetização**, (7). <https://doi.org/10.47249/rba.2018.v0.249>

SOUSA, M. G., & CABRAL, C. L. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, 33(2). <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>